

MAGNUS  
CHASE  
e os DEUSES de ASGARD



RICK RIORDAN

MAGNUS  
CHASE  
e os DEUSES de ASGARD



A ESPADA DO VERÃO

Tradução de Regiane Winarski



Copyright © 2015 by Rick Riordan  
Edição em português negociada por intermédio de Nancy Gallt Literary  
Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

TÍTULO ORIGINAL  
The Sword of Summer

PREPARAÇÃO  
Marcela de Oliveira

REVISÃO  
Juliana Werneck  
Viviane Maurey

DIAGRAMAÇÃO  
editoriarte

ILUSTRAÇÕES DAS RUNAS  
Michelle Gengaro-Kokmen

ADAPTAÇÃO DE CAPA  
Julio Moreira

ARTE DE CAPA  
SJI Associates, Inc.

ILUSTRAÇÃO DE CAPA  
© 2015 John Rocco

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R452e

Riordan, Rick, 1964-

A espada do verão / Rick Riordan ; tradução Regiane Winarski.  
– 1. ed. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2015.

448 p. ; 23 cm. (Magnus Chase e os deuses de Asgard ; 1)

Tradução de: The Sword of Summer  
ISBN 978-85-8057-795-2

1. Ficção infantojuvenil americana. I. Winarski, Regiane.  
II. Título. III. Série.

15-25306

CDD: 028.5  
CDU: 087.5

[2015]

*Todos os direitos desta edição reservados à*  
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.  
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar  
22451-041 – Gávea  
Rio de Janeiro – RJ  
Tel./Fax: (21) 3206-7400  
www.intrinseca.com.br

*Para Cassandra Clare*

*Obrigado por me deixar compartilhar o excelente nome Magnus*





## SUMÁRIO

1. Bom dia! Você vai morrer	11
2. O homem com sutiã de metal	18
3. Não aceite carona de parentes estranhos	24
4. Sério, o cara não sabe dirigir	29
5. Eu sempre quis destruir uma ponte	34
6. Abra caminho para os patos, senão vai levar um pescotapa	40
7. Você fica ótimo sem nariz, sério mesmo	45
8. Cuidado com o abismo, e também com o cara barbudo com o machado	50
9. Você vai querer a chave do frigobar	56
10. Meu quarto não é uma droga	60
11. Prazer em conhecê-lo. Agora, vou esmagar sua traqueia	68
12. Pelo menos não sou eu quem precisa perseguir a cabra	74
13. Phil, a batata, enfrenta seu destino	80
14. Quatro milhões de canais e não tem nada passando além da Visão das Valquírias	86
15. Meu vídeo pagando mico se torna viral	91
16. Nornas. Por que tinham que ser as Nornas?	95
17. Eu não pedi bíceps	99
18. Eu compro uma briga contra o café da manhã	105
19. Não me chame de Zé-Ninguém. Tipo, <i>nunca</i>	113
20. Venha para o lado negro. Temos jujubas	120
21. Gunilla queima o nariz e isso não tem graça. Talvez só um pouquinho	126
22. Meus amigos caem de uma árvore	136
23. Eu me reciclo	143

24.	Vocês só tinham um trabalho	147
25.	Meu agente funerário me veste de um jeito engraçado	154
26.	Oi, sei que você está morto, mas, se der, me liga	161
27.	Vamos jogar frisbee com armas afiadas!	166
28.	Fale com a cabeça, porque ele praticamente só tem isso	172
29.	Nosso falafel é sequestrado por uma águia	182
30.	Uma maçã por dia vai acabar matando você	190
31.	A mais fedida e não se fala mais nisso	195
32.	Meus anos jogando <i>Bassmasters 2000</i> compensaram	200
33.	O irmão de Sam acorda meio mal-humorado	208
34.	Minha espada quase vai parar no eBay	214
35.	Não farás cocô na cabeça da Arte	221
36.	Patos!	230
37.	Sou insultado por um esquilo	235
38.	Caí em um Volkswagen	240
39.	Freya é bonita! Ela tem gatos!	247
40.	Meu amigo evoluiu de um...Não. Não posso dizer	256
41.	Blitz faz um mau negócio	263
42.	Temos uma festinha de pré-decapitação com rolinhos primavera	269
43.	Que comece a elaboração de patinhos decorativos de metal	275
44.	Júnior ganha um saco de lágrimas	283
45.	Tenho a oportunidade de conhecer Jacques	290
46.	A bordo do bom e velho navio <i>Unha do Pé</i>	297
47.	Dou uma de terapeuta para um bode	304
48.	Hearthstone desmaia ainda mais do que Jason Grace (embora eu não faça ideia de quem seja esse cara)	309
49.	Ah, já sei qual é seu problema. Tem uma espada enfiada no seu nariz	316
50.	Nada de spoilers. Thor está <i> muito</i> atrasado nas suas séries preferidas	321
51.	Temos a conversa sobre se transformar em mosca	329
52.	Estou com o cavalo bem aqui. O nome dele é Stanley	334
53.	Como matar gigantes delicadamente	341
54.	Por que não se deve usar uma faca como trampolim	345
55.	Sou levado para a batalha pela Primeira Divisão Aérea Anã	352

56. Nunca peçam a um anão para correr mais rápido	358
57. Sam aperta o botão de EJETAR	363
58. Quem diabos é Hel?	371
59. O terror que é o ensino fundamental	376
60. Um lindo cruzeiro homicida ao pôr do sol	381
61. Urze é minha nova flor menos preferida	385
62. O lobinho mau	390
63. Odeio assinar minha própria sentença de morte	396
64. De quem foi a ideia de tornar esse Lobo imortal?	401
65. Odeio essa parte	406
66. Sacrifícios	410
67. Mais uma vez, por um amigo	414
68. Não seja um mané, cara	417
69. Ah... Então foi <i>esse</i> o cheiro que Fenrir sentiu no capítulo sessenta e três	422
70. Somos sujeitados ao PowerPoint dos infernos	425
71. Queimamos um pedalinho, e tenho certeza de que isso é ilegal	430
72. Eu perco uma aposta	434
Epílogo	437
Glossário	441





UM

## Bom dia! Você vai morrer

É, EU SEI. VOCÊS VÃO ler sobre minha morte agonizante e vão pensar: “Uau! Que maneiro, Magnus! Posso ter uma morte agonizante também?”

Não. Tipo, não.

Não saiam por aí pulando de telhados. Não corram entre os carros nem taquem fogo no próprio corpo. Não é assim que funciona. Vocês não vão para o mesmo lugar que eu.

Além do mais, vocês não gostariam de se ver na minha situação. A não ser que tenham o desejo insano de ver guerreiros mortos-vivos fazendo picadinho uns dos outros, espadas enfiadas na narina de gigantes e elfos negros em roupas sofisticadas, nem *ensem* em procurar os portões com cabeças de lobo.

Meu nome é Magnus Chase. Tenho dezesseis anos. Esta é a história de como minha vida seguiu ladeira abaixo depois que eu morri.

Meu dia até que começou bem normal. Eu estava dormindo debaixo de uma ponte no Public Garden, em Boston, quando um cara me acordou com um chute e disse:

— Tem gente atrás de você.

A propósito, eu moro na rua faz dois anos.

Alguns de vocês podem pensar: *Puxa, que triste*. Outros talvez pensem: *Bem-feito, vagabundo!* Mas, se me vissem na rua, tenho noventa e nove por cento de certeza de que passariam direto por mim como se eu fosse invisível, torceriam para que eu não me aproximasse pedindo dinheiro e se perguntariam se sou mais

velho do que pareço, porque, obviamente, nenhum adolescente andaria pelas ruas de Boston enrolado em um saco de dormir fedido no meio do inverno. *Alguém ajude aquele pobre garoto!*

E continuariam andando.

Tudo bem. Não preciso da solidariedade de vocês. Estou acostumado a zombarias. E estou acostumado a ser ignorado. Vamos em frente.

O mendigo que me acordou foi um cara chamado Blitz. Como sempre, parecia ter acabado de atravessar correndo um furacão de imundície. Seu cabelo preto e crespo vivia cheio de pedaços de papel e fragmentos de galhos. Seu rosto era tostado como couro curtido, todo salpicado de gelo. Sua barba áspera se abria em todas as direções. A barra de seu sobretudo surrado estava coberta de neve, pois se arrastava no chão (Blitz tinha mais ou menos um metro e sessenta de altura), e suas pupilas estavam tão dilatadas que mal se via a íris. Graças aos olhos esbugalhados, ele parecia prestes a gritar a qualquer segundo.

Pisquei repetidas vezes, tentando afastar o sono. Eu sentia gosto de hambúrguer velho na boca. Meu saco de dormir estava quentinho, e eu realmente não queria sair dali.

— Quem está atrás de mim?

— Sei lá. — Blitz esfregou o nariz, que, depois de tantas vezes quebrado, formava um zigue-zague que nem um raio. — Tem um pessoal aí distribuindo panfletos com o seu nome e uma foto sua.

Soltei um palavrão. Se fosse um policial ou um segurança, tudo bem. Assistentes sociais, voluntários de serviço comunitário, universitários bêbados, viciados a fim de espancar alguém pequeno e fraco: encarar qualquer um desses logo cedo seria mole como acordar com café da manhã na cama.

Mas alguém que sabia meu nome e conhecia meu rosto... isso era mau sinal. Significava que estavam procurando especificamente por mim. Talvez a galera do abrigo estivesse com raiva por eu ter quebrado o aparelho de som deles. (Aqueles cantigas de Natal eram de enlouquecer.) Talvez uma câmera de segurança pública tivesse flagrado o último furto que eu cometera na área do Theater District. (Ei, eu precisava de dinheiro para uma pizza.) Ou talvez, por mais improvável que parecesse, a polícia ainda estivesse na minha cola, querendo fazer perguntas sobre o assassinato da minha mãe...

Recolhi minhas coisas, o que levou uns três segundos. Enrolei o saco de dormir bem apertado para caber na mochila, junto com a escova de dentes e algumas meias e cuecas. Além da roupa do corpo, isso era tudo o que eu tinha. Com a mochila no ombro e o capuz do casaco cobrindo a cabeça, eu conseguia facilmente me misturar à multidão de pedestres. Boston é cheia de universitários. Alguns ainda mais desgrehados e aparentando ser ainda mais jovens que eu.

Eu me virei para Blitz.

— Onde você viu essas pessoas com panfletos?

— Na rua Beacon. Estão vindo para cá. Um coroa branquelo e uma garota. Deve ser filha dele.

Franzi a testa.

— Isso não faz sentido. Quem...?

— Não sei, garoto, mas eu tenho que ir.

Blitz observou com olhos semicerrados o nascer do sol, que tingia de laranja as janelas dos arranha-céus. Por motivos que nunca entendi direito, ele detestava a luz do dia. Talvez fosse o vampiro sem-teto mais baixo e corpulento do mundo.

— Você devia ir encontrar o Hearth. Ele está na praça Copley.

Tentei conter a irritação. O pessoal da rua brincava dizendo que Hearth e Blitz eram minha mãe e meu pai, porque eu tinha sempre um ou outro perto de mim.

— Agradeço — falei. — Mas vou ficar bem.

Blitz começou a roer a unha.

— Sei não, garoto. Hoje, não. Você tem que tomar muito cuidado.

— Por quê?

Ele olhou de relance por cima do meu ombro.

— Eles estão vindo.

Não vi ninguém atrás de mim. Quando me virei de volta, Blitz tinha sumido.

Eu odiava quando ele fazia isso. De repente... *puf*. O cara era um ninja. Um vampiro-ninja sem-teto.

Agora, eu precisava escolher: ir até a praça Copley e ficar com Hearth ou ir até a rua Beacon para tentar ver quem eram as pessoas que estavam me procurando.

A descrição que Blitz fez delas me deixou curioso. Um coroa branco e uma garota me procurando logo cedo em uma manhã de inverno. Por quê? Quem seriam eles?

Discretamente, contornei o laguinho. Quase ninguém pega a trilha que passa sob a ponte, então, se eu seguisse pela lateral da colina, conseguiria ver qualquer um que se aproximasse pela outra trilha sem que me vissem.

Uma camada de neve cobria o chão. O céu estava de um azul de doer os olhos. Os galhos nus das árvores pareciam feitos de vidro. O vento cortante atravessava as camadas de roupas, mas o frio não me incomodava. Minha mãe sempre dizia que eu era quase um urso-polar.

*Droga, Magnus*, pensei, repreendendo a mim mesmo.

Depois de dois anos, minhas lembranças dela ainda eram um campo minado. Era só eu tropeçar em uma que meu equilíbrio explodia em pedacinhos.

Tentei me concentrar.

Vi o homem e a garota vindo na minha direção. O cabelo louro dele cobria a gola do casaco — não em um estilo intencional, mas como se ele não pudesse se dar ao trabalho de ir cortar. Sua expressão de perplexidade era como a de um professor substituto: *Sei que fui atingido por uma bolinha de papel, mas não faço ideia de quem a jogou*. Ele usava sapatos sociais, uma escolha totalmente equivocada para o inverno de Boston. Cada meia era de um tom diferente de marrom. O nó da gravata parecia ter sido feito enquanto ele rodopiava na mais completa escuridão.

A garota era filha dele, com certeza. Tinha o cabelo farto e ondulado como o do homem, só que em um tom mais claro. Estava vestida de forma mais sensata: botas de neve, calça jeans e uma parca, além de uma camisa laranja aparecendo na altura do pescoço. Sua expressão era mais determinada, zangada. Ela segurava a pilha de panfletos como se fossem cópias de uma redação em que recebera uma nota baixa injustamente.

Se ela estava me procurando, eu não queria ser encontrado. A garota era assustadora.

Não a reconheci, nem ao pai dela, mas alguma coisa pipocou no fundo da minha mente... como um ímã tentando puxar uma lembrança muito antiga.

Pai e filha pararam no ponto em que o caminho bifurcava. Os dois olharam ao redor, como se só então percebessem que estavam no meio de um parque deserto em um horário cruel em pleno inverno.

— Inacreditável — disse a garota. — Dá vontade de estrangulá-lo.  
Supondo que ela estivesse falando de mim, me abaixei um pouco mais.

O pai suspirou.

— Acho que não é uma boa ideia. Ele ainda é seu tio.

— Mas *dois anos*? Pai, como ele pôde ficar *dois anos* sem contar para a gente?

— Não sei explicar as decisões de Randolph. Nunca soube, Annabeth.

Inspirei com tanta força que tive medo de eles ouvirem. Uma ferida se abriu no meu cérebro, expondo dolorosas lembranças de quando eu tinha seis anos.

*Annabeth.* Ou seja, o homem louro era... *tio Frederick*?

Então minhas lembranças me levaram ao último Dia de Ação de Graças que havíamos passado juntos: Annabeth e eu escondidos na biblioteca da casa do tio Randolph, brincando com peças de dominó enquanto os adultos gritavam uns com os outros no andar de baixo.

*Você tem sorte de morar com a sua mãe.* Annabeth colocou mais um dominó na miniconstrução. Uma construção incrivelmente boa, com colunas na frente, como um templo. *Vou fugir de casa.*

Eu não tinha dúvida de que era sério. A confiança dela me impressionava.

Foi quando tio Frederick apareceu à porta com os punhos cerrados, sua expressão sombria contrastando com as renas sorridentes em seu suéter. *Annabeth, vamos embora.*

Ela olhou para mim. Seus olhos cinzentos eram intensos demais para uma menina da idade dela. *Se cuida, Magnus.*

Com um peteleco, derrubou o templo de dominó que havia construído.

Foi a última vez que a vi.

Depois, minha mãe foi inflexível: *Vamos ficar longe de seus tios. Principalmente do Randolph. Não vou fazer o que ele quer. Jamais.*

Ela não explicou o que Randolph queria, nem sobre o que tinha discutido com os irmãos.

*Você precisa confiar em mim, Magnus. Ficar perto deles... é perigoso demais.*

Eu confiava em minha mãe. Mesmo após a morte dela, não tive mais qualquer contato com meus tios.

Agora, do nada, eles estavam me procurando.

Randolph morava na cidade, mas, até onde eu sabia, Frederick e Annabeth ainda moravam na Virginia. No entanto, ali estavam eles, distribuindo panfletos com meu nome e minha foto. *Onde* tinham conseguido uma foto minha?

Eu estava tão confuso que perdi uma parte da conversa.

— ... encontrar Magnus — dizia tio Frederick. Ele olhou para o celular. — Randolph está no abrigo da cidade, no South End. Disse que não encontrou nenhuma pista. Vamos tentar a sorte no abrigo para menores do outro lado do parque.

— Se é que Magnus ainda está vivo... — disse Annabeth, com tristeza. — Desaparecido há *dois anos!* Ele pode ter morrido congelado em uma sarjeta qualquer!

Fiquei tentado a sair do meu esconderijo e gritar: *SURPRESAAA!*

Embora fizesse dez anos desde a última vez que eu vira Annabeth, não gostei de vê-la preocupada. Mas, depois de tanto tempo nas ruas, eu tinha aprendido do jeito mais difícil: nunca se meta em uma situação sem antes entender o que está acontecendo.

— Randolph tem certeza de que Magnus está vivo — afirmou tio Frederick. — Em algum lugar de Boston. Se a vida dele estiver mesmo em perigo...

Eles seguiram na direção da rua Charles, suas vozes sendo levadas pelo vento.

Eu estava tremendo agora, mas não era de frio. Queria correr atrás de Frederick e exigir uma explicação sobre o que estava acontecendo. Como Randolph sabia que eu ainda estava na cidade? Por que estavam me procurando? Por que só agora minha vida estava correndo perigo?

Mas não fui atrás deles.

Eu me lembrei da última coisa que minha mãe me disse. Estava relutando em fugir pela escada de incêndio, relutando em deixá-la, mas ela me segurou pelos braços e me obrigou a encará-la. *Magnus, fuja. Vá se esconder. Não confie em ninguém. Eu vou encontrar você. Aconteça o que acontecer, não peça ajuda a Randolph.*

Então, antes de eu chegar à janela, a porta do nosso apartamento foi arrebentada e um par de brilhantes olhos azuis surgiram da escuridão...

Afastei a lembrança e observei tio Frederick e Annabeth indo embora, na direção do parque Boston Common.

Tio Randolph... Por algum motivo, ele havia entrado em contato com Frederick e Annabeth e os convenceu a vir até Boston. Durante todo aquele tempo, Frederick e Annabeth não sabiam que eu estava desaparecido. Parecia impossível, mas, se fosse verdade, por que Randolph teria decidido lhes contar isso agora?

Eu só conseguia pensar em um jeito de obter as respostas sem confrontá-lo diretamente. Ele morava em Back Bay, aonde dava para ir a pé. De acordo com Frederick, Randolph não estava em casa, e sim em alguma parte do South End, me procurando.

Como não há nada melhor para começar o dia do que uma boa invasão domiciliar, decidi fazer uma visitinha à casa dele.